

26 MAI

Sarney, Collor e Brizola

Haroldo Hollanda

Eleição Presidencial

JORNAL DE BRASÍLIA

O presidente Sarney confessou a um parlamentar do PMDB, com base em informações que lhe chegam às mãos, que o ex-governador alagoano Fernando Collor de Mello, como candidato, já tem assegurada sua presença no segundo turno das eleições presidenciais deste ano. No Planalto, as mais recentes pesquisas dão conta de uma vantagem de 43% das preferências Populares ao ex-governador de Alagoas. Sarney é de opinião de que, mesmo que venha a cair até novembro, Collor teria condições de manter, quando menos, 2,0%, das preferências do voto popular, o que lhe daria lugar garantido no segundo turno. Nesse caso, restaria saber quem seria o outro candidato a enfrentar Collor.

Analisando o quadro da sucessão presidencial, o deputado César Maia, do PDT, acha que não só Brizola, como todos os demais concorrentes do ex-governador de Alagoas, erram ao atacá-lo diretamente. No seu entender, a esta altura dos acontecimentos, para evitar o fenômeno eleitoral registrado, pelas últimas pesquisas, a tática correta seria mostrá-lo à classe A, à elite dirigente brasileira, nos mais diversos setores da atividade nacional, e com grande poder de fogo, o erro que poderia constituir para o País a presença do ex-governador de Alagoas na Presidência da República. Pela sua precariedade pessoal e pela ausência de consistência política. Para César Maia, até o momento, Collor de Mello ainda não recebeu da elite dirigente nacional o aval que precisa. Para ele todos os esforços devem ser empreendidos para evitar que isto aconteça. Porque, de acordo com suas conclusões, a partir do momento em que esse aval for a ele concedido, sua candidatura estará consolidada de vez.

Opinião semelhante à de César Maia, em alguns dos seus aspectos, tem também o deputado pernambucano Egidio Ferreira Lima, do PSDB. Egidio acha, por exemplo, que a candidatura de Collor teve um efeito inicial positivo, ao acabar com o mito de que Brizola e Lula eram invencíveis. Foi como se tivesse zerado o quadro da sucessão presidencial. Para o parlamentar pernambucano, a candidatura do ex-governador de Alagoas é um fenômeno eleitoral passageiro. No entanto, começa a se observar, embora de modo muito discreto, um lento processo de erosão no PMDB e no PFL, mais profundo neste do que no primeiro. Um dos senadores do grupo dissidente do senador Marco Maciel no PFL admite que a grande maioria dos seus integrantes poderá em breve se transferir com armas e bagagens para a candidatura de Collor de Mello. O entusiasmo por Brizola entrou em declínio. Um deputado federal do PMDB mineiro informou ao senador Itamar Franco que de dez a doze companheiros de sua bancada em Minas estão examinando a hipótese de apoiar a candidatura do ex-governador. No Rio Grande do Sul, informa o deputado gaúcho Victor Faccioni, do PDS, que esteve dias atrás com o ex-governador de Alagoas, o efeito Collor no seu Estado se faz sentir notadamente sobre as bases eleitorais do PMDB e do PT. Reconhece também que a tendência natural do PDS gaúcho será na mesma direção. Uma observação final: o deputado César Maia acha que Brizola chega ao segundo turno, mas que não se deve subestimar a capacidade de reação eleitoral que pode ter o deputado Ulysses Guimarães como candidato do PMDB. O problema é que ao segundo turno das eleições presidenciais só terão acesso dois nomes.